



Sala de aula: formação do brasileiro abaixo da média mundial

Problemas com a falta de escolaridade

o
Educação
Real

Com o índice reduzido de jovens que freqüentam as salas de aula, mercado fica sem profissional qualificado

Foi preciso o século XXI bater à porta para o Brasil se dar conta do quanto custa não investir, na hora certa, em educação. No biênio 2005-2006, o país vive o pico de sua população jovem.

Esse presente demográfico que é ter 35,2 milhões de habitantes de 15 a 24 anos (a faixa etária da entrada no mercado de trabalho), contudo, está sendo desperdiçado em razão da má formação da potencial mão-de-obra.

A escolaridade média dos jovens brasileiros é de 8,1 (equivalente apenas ao ensino fundamental), enquanto a também emergente Coréia do Sul já universalizou o nível médio na faixa etária.

O descompasso resulta em menor desenvolvimento socioeconômico. As estatísticas de educação no Brasil melhoraram muito na última década, mas a formação atual dos jovens é incapaz de atender às exigências do mercado.

Na recém-divulgada Síntese de Indicadores Sociais, o IBGE dá a dimensão do tempo perdido. Dos adolescentes de 15 a 17 anos, apenas 44% freqüentam o ensino médio. Na população de 18 a 24, um terço cursa universidade, mas 38,8% ainda estão no nível médio e 15,7%, no fundamental.

“Sabemos que o ensino médio já não é suficiente para entrar no mercado. Tanto que o desemprego é maior nesse nível de instrução. A situação é difícil para os jovens”, diz Cristiane Soares, economista do IBGE.

Com tanto atraso, é fácil entender por que o desemprego e a informalidade são tão altos entre os jovens. Cálculos de Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), revelam que 15% dos jovens que entram no mercado de trabalho sem completar o ensino fundamental estão desempregados e 30% têm emprego sem carteira assinada.

Para os que ao menos começaram a faculdade, os números são de 16% e 14%, respectivamente. Neri explica que a ocupação é maior no primeiro caso porque o jovem sem instrução não pode ficar sem trabalhar – em geral, ele vem de famílias pobres.

Prefere, portanto, a informalidade ao desemprego. Já o mais instruído tem mais chance de conseguir emprego com carteira assinada.

Daí o peso menor da informalidade. “O resumo dessa história é que sem quantidade e qualidade de educação não há nem quantidade nem qualidade de emprego”, diz Neri.